

PSERIE
PRINCÍPIOS
215

Valter Kendi

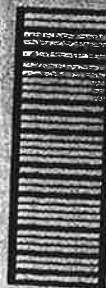
Doutor em Letras
Professor da disciplina de Filologia
e Língua Portuguesa da FFLCH
da Universidade de São Paulo



FORMAÇÃO DE PALAVRAS EM PORTUGUÊS



TOMBO - B4160



SED - FFLCH - USP

469.07
K 35 f
e. 6

Editor

Nelson dos Reis

Preparação de texto

Bárbara Heller

Revisão

Áurea Regina Kanashiro

Edição de arte (miolo)

Milton Takeda

Coordenação gráfica

Jorge Okura

Composição/paginação em vídeo

Edson Vander de Oliveira

Eliana Ap. Fernandes Santos

Capa

Ary Normanha

Antonio Ubirajara Domiencio



80737092

impressão e acabamento

jangraf

Tel.: 296-1630

ISBN 85 08 04054 7

1992

Todos os direitos reservados

Editora Ática S.A.

Rua Barão de Iguape, 110 — CEP 01507

Tel.: PABX (011) 278-9322 — Caixa Postal 8656

End. Telegráfico "Bomlivro" — Fax: (011) 277-4146

São Paulo (SP)

DEDALUS - Acervo - FFLCH-LE

Formacao de palavras em portuges /



21300063066

469.07
K35f
e. 6

A

Palamede Borsari, *in memoriam*.

Sumário

1. Derivação e composição	7
2. Derivação prefixal e sufixal	10
Constituintes imediatos (C.I.)	10
3. Derivação parassintética	17
4. Derivação regressiva e abreviação	22
Processo de nominalização	26
Abreviação	27
5. Derivação imprópria ou conversão	29
Translação de primeiro grau	30
Conversão e translação	31
Morfofossintaxe	34
6. Composição	35
Tipos de composição	36
Uso do hífen nos compostos	37
Traços lingüísticos dos compostos	39
Estrutura dos nomes compostos	42

7. Flexão de número dos compostos	44
Formação do plural dos compostos	45
8. Outros processos de formação de palavras	49
Onomatopéias	49
Reduplicação (ou redobro)	50
Hibridismo	50
Siglas	51
9. Conclusão	53
10. Considerações finais	55
11. Vocabulário crítico	57
12. Bibliografia comentada	61

1

Derivação e composição

O acervo lexical da língua portuguesa é constituído de uma grande maioria de palavras herdadas do latim, às quais se acrescentaram palavras de outras origens, além de vocábulos formados em nosso próprio idioma.

Neste livro enfocaremos os processos formadores de palavras em português, os quais também não são estranhos às palavras latinas herdadas, e fixar-nos-emos numa perspectiva sincrônica.

Basicamente, distinguem-se dois processos de formação lexical: a derivação e a composição.

Quando um vocábulo é formado de um só radical, a que se anexam afixos (prefixos e sufixos), tem-se a derivação:

repor (= *re-* (pref.) + *pôr*)

felizmente (= *feliz* + *-mente* (suf.))

A composição ocorre quando dois ou mais radicais se combinam:

amor-perfeito

guarda-chuva

Verifica-se, contudo, que certos prefixos em nossa língua têm uso autônomo, como se fossem preposições; é o caso de *contra-* e *entre-*:

contrapor / José está *contra* os colegas.
entrebair / Ficou *entre* a cruz e a espada.

Esse fato levou muitos gramáticos do passado e algumas correntes da Linguística moderna, como a gramática gerativa, a classificar a prefixação como um caso de composição.

Argumentou-se, entretanto, que essa autonomia não é característica de todos os prefixos: alguns, como *des-* e *re-*, só figuram como formas presas (atreladas a um radical): *desigual*, *rever*.

• Entre os sufixos, alguns também tiveram uso autônomo: a forma latina *mente*, “espírito”, aparecia combinada com adjetivos adequados à sua significação, constituindo um exemplo de processo de composição: *boamente*. A partir do momento em que *mente* pôde juntar-se a outros adjetivos, como em *rapidamente*, *recentemente*, adquiriu o caráter de sufixo, portanto, de forma presa.

Caso curioso é o do elemento *avos*, que figura na designação dos denominadores superiores a dez nas frações ordinárias: 1/15 (um quinze avos). Na realidade, *avos* é o sufixo do numeral *oitavo* (depreendido pela comparação com *oitto*), que, nesse contexto específico, adquire uso autônomo.

Os fatos acima apontados não impedem que se considere a sufixação como um tipo de derivação. Quando se fala em prefixo, os sufixos são naturalmente associados e vice-versa. Esses aspectos levam a integrar também a prefixação no quadro da derivação — posição oficial da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB).

A diferença entre prefixos e sufixos, contudo, não é meramente distribucional. Os prefixos, ao contrário dos sufixos, só se agregam a verbos e a adjetivos, que são uma espécie de vocábulo associado ao verbo. Lembremos, a título de exemplo, que o particípio passado se flexiona em gênero e número, à semelhança do adjetivo:

construído / construída / construídos / construídas

Certos verbos equivalem a um verbo de ligação seguido de um adjetivo em função de predicativo:

envelhecer = ficar velho
 hesitar = estar hesitante

Em alguns verbos formados por prefixação, o complemento verbal aparece regido de preposição igual ao prefixo:

conviver com...
depender de...
encarcerar em...

Ademais, os prefixos não contribuem para a mudança da classe gramatical do radical a que se ligam: *rever* é verbo, como *ver*; *desigual* é adjetivo, como *igual*. Os sufixos, pelo contrário, podem contribuir para a mudança da classe gramatical do radical: *civilizar* é verbo, ao passo que *civil* é adjetivo.

As diferenças assinaladas mostram a complexidade do problema. Contudo, nosso objetivo é especificar, aqui, os diferentes tipos de derivação e composição; a título de simplificação e economia, consideraremos a prefixação como um tipo de derivação, seguindo a linha proposta pela NGB.

Explicitaremos, inicialmente, os diferentes tipos de derivação, para passarmos, no capítulo 6, ao estudo da composição.

Derivação prefixal e sufixal

Contrariamente aos vocábulos que contêm um só prefixo (*in/feliz*) ou um só sufixo (*ruin/dade*), as palavras com dois ou mais afixos (*in/just/iça, des/respeit/osa/mente*) parecem apresentar uma estrutura mais complexa.

Em *desrespeitosamente* trata-se de uma derivação prefixal e bissufixal simultânea ou de uma estruturação subjacente mais simples e regular?

Essa questão é satisfatoriamente solucionada através de uma análise em *constituintes imediatos* (C.I.), cujas técnicas expomos a seguir.

Constituintes imediatos (C.I.)

A análise em C.I. é mais facilmente ilustrada a partir da sintaxe.

Tomemos como exemplo a frase (F): “O garoto chutou a bola”.

Não recorreremos aos princípios lógico-aristotélicos (que dividem a frase em questão em dois blocos: *o garoto* — sujeito, o ser a respeito do qual se declara algo — e *chu-*

tou a bola — predicado, aquilo que se declara a respeito do sujeito —), mas a técnicas exclusivamente formais.

Assim, *o garoto* constitui um bloco perfeitamente substituível por um elemento unitário, que não se decompõe: *José*. Acrescente-se que *José chutou a bola* é uma frase absolutamente aceitável em português. Como a palavra central de *o garoto* é o substantivo *garoto*, vamos dar a esse bloco a designação de sintagma nominal (SN).

Por sua vez, *chutou a bola* pode ser substituído por *saiu*, elemento igualmente unitário. A frase *O garoto saiu* também é aceitável em nossa língua. Como o bloco *chutou a bola* tem como elemento central o verbo *chutou*, designaremos esse conjunto como sintagma verbal (SV).

Podemos esquematizar essas conclusões através da fórmula:

$$F = SN + SV$$

O SN, constituído de dois elementos, não oferece dificuldade de segmentação:

$$o \mid \text{garoto}$$

O SV, por sua vez, constitui-se de três elementos: *chutou a bola*. Como é possível substituir *a bola* pelo pronome pessoal oblíquo *a* ou pelo pronome demonstrativo *isso* (*chutou-a / chutou isso*) e, nessas construções de dois elementos, o corte dá-se automaticamente após o primeiro, temos que *chutou a bola* é segmentado da seguinte forma:

$$\text{chutou} \mid a \text{ bola}$$

A *bola* segmenta-se facilmente em:

$$a \mid \text{bola}$$

Realizando a leitura de baixo para cima, podemos afirmar que *a* e *bola* constituem imediatamente (são os C.I. de) *a bola*; *chutou* e *a bola* são os C.I. de *chutou a bola*; *o* e *garoto* são os C.I. de *o garoto*; finalmente, *o garoto* e *chutou a bola* são os C.I. da frase *O garoto chutou a bola*.

A análise em C.I. mostra que a frase não é uma simples sucessão de vocábulos, mas uma superposição de camadas binárias. (Todos os cortes realizados segmentaram os blocos em dois elementos.)

Essa análise prossigue ao nível do vocábulo, mostrando que este não é uma seqüência de morfemas, mas uma superposição de blocos binários. Vamos utilizar, a título de ilustração, o substantivo *formalização*.

A segmentação morfemática revela os morfemas constitutivos desse vocábulo —

$$\{ \text{form(a)} \} + \{ \text{al} \} + \{ \text{iz} \} + \{ \text{a} \} + \{ \text{ção} \}^1$$

— e levar-nos-ia a crer que o referido vocábulo é uma mera seqüência de morfemas.

Contudo, como o sufixo *-ção* exprime ação ou resultado da ação, só pode agregar-se a uma forma verbal; na verdade, o sufixo foi anexado ao verbo *formalizar* (após a eliminação do *-r* do infinitivo).

Por sua vez, os verbos em *-izar* são normalmente formados a partir de bases adjetivas: *formal + izar* (cp. *civilizar, realizar* etc.).

Finalmente, o adjetivo *formal* constitui-se do substantivo *forma* + o sufixo *-al*.

Percebemos, assim, que o vocábulo em questão se constitui pela superposição de camadas representadas, cada uma, por um elemento *nuclear* (radical) e um elemento *periférico* (afixo/desinência). Os dois elementos de cada camada são os seus C.I. Dessa forma, o vocábulo não é interpretado como uma sucessão de morfemas e, sim, como uma superposição de blocos de C.I.

Há uma dupla vantagem nessa técnica descritiva. Por um lado, evita-se atribuir aos morfemas o mesmo grau de aderência com relação aos morfemas antecedentes e consequentes, o que acarretaria descrições longas e não correspondentes à estrutura real do vocábulo. Por outro, a aná-

¹ Por convenção, os morfemas são indicados entre chaves.

lise em C.I. permite-nos, por exemplo, considerar *formalização* como um derivado sufixal (e não como um derivado trissufixal, dada a presença dos três sufixos: *-al*, *-iz* e *-ção*).

Esse caráter de derivado sufixal pode ser confirmado semântica e formalmente; o simples sentido do vocábulo (“ato de formalizar”) pode induzir-nos à partição: *formaliza + ção*; a comparação com outras formas em *-ção* (*casção, constituição*) mostra-nos que o elemento que antecede o sufixo comuta com elementos mais simples, o que lhe dá o caráter de bloco unitário.

Outra vantagem oferecida pela análise em C.I. é que cada camada depreendida pode ser discutida nas partes da gramática em que as formações similares foram tratadas. No nosso exemplo, *formal* é apresentado como um adjetivo derivado; *formalizar* é examinado como um verbo derivado; *formalização*, como um substantivo derivado; cada uma dessas formas é comparada com as formas correspondentes da classe que representam.

Eugene A. Nida, em sua obra *Morphology*, apresenta, de forma clara, ordenada e operatória, os procedimentos para a depreensão dos C.I. ao nível do vocábulo. Aplicaremos os mesmos princípios usando como exemplos palavras da língua portuguesa.

Princípio 1: “As divisões deveriam amoldar-se às relações significativas”

O princípio acima pode ser discutido, levando-se em conta, por exemplo, o adjetivo *desgostoso* e o advérbio *desrespeitosamente*.

No caso de *desgostoso*, o sentido é, indiscutivelmente, “cheio de desgosto”, o que remete à segmentação *desgosto + oso*; trata-se, portanto, de um derivado sufixal. Quanto a *desrespeitosamente*, o sentido é “de modo desrespeitoso”, e a segmentação correspondente é *desrespeitosa + mente* (também um derivado sufixal).

Convém ressaltar que certos vocábulos apresentam duas significações perfeitamente aceitáveis. Quando a comparação com outras formas é um elemento de confirmação tanto para um sentido como para outro, tais palavras podem oferecer dupla possibilidade de segmentação.

Princípio 2: “As divisões são feitas na base da substituição de unidades maiores por unidades menores pertencentes à mesma classe de distribuição externa ou a uma classe diferente (de distribuição externa)”²

Foi esse o princípio utilizado na divisão inicial de *formalização*. A comparação com *cassação* e *constituição* revelou o caráter de bloco de *formaliza-*.

Devemos estar atentos, aqui, à substituição por membros da mesma classe gramatical do vocábulo inicialmente proposto.

Princípio 3: “As divisões deveriam ser tão poucas quanto possível”

Por este princípio o autor defende as partições binárias (o binarismo)³. Um vocábulo deve ser inicialmente dividido em dois C.I.; cada um dos C.I. será dividido em mais dois outros e assim sucessivamente.

Cada camada será, dessa forma, constituída de dois C.I., um nuclear e outro periférico.

Só excepcionalmente poderão ser aceitas divisões ternárias. Em português, os verbos parassintéticos (de que falaremos no capítulo 3) são formados de três C.I. simultâneos:

aclarar = *a* + *clar(o)* + *ar*

² “Uma classe cujos membros ocorrem no mesmo contexto externo, por exemplo, todos os verbos que podem ocorrer antes do sufixo *-ing* [em inglês], constitui uma classe de distribuição externa” (*Morphology*, p. 91, n. 23).

³ A visão do vocábulo como uma superposição de camadas binárias de morfemas também aparece na Linguística europeia. Confira-se as obras de Charles Bally e F. Mikulš (v. Bibliografia).

Esse traço distingue-os dos vocábulos cujos prefixos e sufixos não estão em relação de simultaneidade, como em:

injustiça = *injust(o)* + *iça*
ou
in + *justiça*⁴

Princípio 4: “As divisões deveriam ser corroboradas pela estrutura total da língua”

Trata-se, aqui, do princípio mais difícil de aplicar, pois pressupõe conhecimento prévio das várias estruturas do idioma.

Tomemos, como exemplo, o adjetivo *desrespeitoso*. Pelo princípio 1, poderíamos segmentá-lo em *des* + *respeitoso* (= não respeitoso), caso de derivação prefixal. A possibilidade de interpretá-lo como “que tem desrespeito” conduz à segmentação *desrespeito* + *oso*, derivação sufixal.

Aparentemente, há aspectos formais que confirmam as duas divisões: o prefixo *des-* prende-se, normalmente, a adjetivos (*respeitoso*), e o sufixo *-oso* agrega-se a substantivos (*desrespeito*).

No entanto, se levarmos a segmentação até o fim, constatamos que uma das possibilidades é mais interessante. Partamos da primeira:

des + *respeitoso*

Num segundo momento, teríamos:

respeito + *oso*

Um exame atento de cada uma das duas camadas revela-nos que o prefixo *des-* aparece ligado a um adjetivo, o que é normal em português; o sufixo *-oso*, por sua vez, segue-se ao substantivo *respeito*, o que também é freqüente em nossa língua.

⁴ Essa dupla possibilidade de segmentação será discutida no *Princípio 4*.

Com relação à segunda possibilidade:

desrespeito + oso

o segundo momento nos conduz a:

des + respeito

Ocorre que, aqui, o prefixo *des-* está ligado a um substantivo, o que é excepcional em português (raros são os exemplos como *descaso*, *desfavor*). Como assinalamos no capítulo 1, os prefixos normalmente acompanham verbos e adjetivos.

Assim sendo, a primeira solução está mais de acordo com a estrutura total de nossa língua. Nesse caso, é preferível considerar *desrespeitoso* como um derivado prefixal (*des* + *respeitoso*).

Princípio 5: “No mais, não havendo diferença, uma divisão em C.I. contínuos tem precedência sobre uma divisão em C.I. descontínuos”

Embora sejam mais frequentes os exemplos de C.I. contínuos, não são raros, em português, os casos de C.I. descontínuos, isto é, não contíguos.

Nos verbos parassintéticos, o prefixo e o sufixo estão em relação de solidariedade formal e semântica, e constituem, portanto, um exemplo de C.I. descontínuos, separados pelo radical; não só não podemos excluir o prefixo ou o sufixo, como, via de regra, o sentido do prefixo é dinâmico, reforçando, dessa forma, o sentido do sufixo: em *apedrejar* (*a* + *pedr(a)* + *ejar*), o prefixo exprime a idéia de movimento, direção, em reforço da noção freqüentativa do sufixo.

Encerrando nossas considerações, queremos ressaltar também que, relativamente aos princípios anteriormente enumerados, há uma estreita ligação entre os de número 1, 2 e 4, que, na verdade, funcionam como reforço um do outro. São, portanto, princípios hierarquizados e complementares entre si.

3

Derivação parassintética

Processo não consignado pela NGB, a parassíntese, ou derivação parassintética, muito comum em português, consiste na adição simultânea de um prefixo e de um sufixo a um radical, de forma que a exclusão de um ou de outro resulta numa forma inaceitável na língua. Tomemos, como exemplo, o verbo *esclarecer*; não existe o adjetivo **esclaro*¹, nem o verbo **clarecer*.

Certos verbos (e outros vocábulos) constituídos de prefixo + radical + sufixo não apresentam simultaneidade dos afixos: *reflorescer* (compare com *florescer*); *injustiça* (compare com *injusto* / *justiça*). A classificação desses vocábulos como derivados prefixais ou sufixais baseia-se numa análise em C.I., de acordo com as técnicas especificadas na já citada obra de E. A. Nida, *Morphology*.

Não há necessidade de distinguir formas como *esclarecer* e *aclarar*, com o argumento de que, na segunda, não figura um sufixo. Na realidade, as únicas flexões possíveis para o adjetivo *claro*, radical de *aclarar*, são:

claro / clara / claros / claras

¹ O asterisco indica tratar-se de uma forma inaceitável ou inexistente na língua.

A terminação *-ar*, de valor verbal, está contribuindo para que a palavra *claro* mude da classe dos adjetivos para a dos verbos, ou seja, está desempenhando um papel sufixal: como observamos no capítulo 1, uma das funções do sufixo é contribuir para a mudança da classe gramatical do radical. Assim, tanto *esclarecer* como *aclarar* são exemplos de verbos parassintéticos. O sufixo *-ec(er)*, de *esclarecer*, tem valor meramente aspectual (incoativo/causativo) e não interfere na caracterização do processo de formação do verbo.

Geralmente, os prefixos que figuram nos parassintéticos têm um sentido *dinâmico*:

embarcar (*em-*: movimento para dentro)
desfolhar (*des-*: ato de separar)

o que explica o fato de a maioria desses derivados serem verbos. Contudo, podemos encontrar, ainda que raramente, substantivos/adjetivos parassintéticos: é o caso de *subterrâneo* (considerando que **subterra* e **terrâneo* são formas inexistentes), bem como de *contrerrâneo*, *desalmado* etc.

Normalmente, os nomes deverbiais não são parassintéticos, ainda que os verbos de que procedem o sejam: *esclarecimento* e *esclarecedor* são derivados sufixais, como o mostra uma análise em C.I.: (*o*) *embarque*, por sua vez, é um derivado regressivo, de que falaremos no capítulo 4.

Freqüentemente o caráter parassintético de um verbo só se revela quando levamos em conta o subsistema de que ele faz parte. Apresentamos, a seguir, alguns casos que ilustram essa afirmação.

Há exemplos curiosos de verbos cujo radical é um adjetivo que exprime cor, e que, aparentemente, não seriam parassintéticos: *amarelar*, *azular*. Todavia, se considerarmos o subsistema dos verbos formados por esses adjetivos, verificaremos que são, na maioria, parassintéticos: *acinzentar*, *alaranjar*, *arroxear*, *avermelhar* etc.

Ora, nesses verbos mencionados ocorre o prefixo *a-*. Como os adjetivos *amarelo* e *azul* começam pela vogal *a-*,

podemos admitir que houve a crase desse *a-* inicial do radical com o prefixo *a-*:

amarelar → amarelar.

A regra fonológica da crase é comum na morfologia portuguesa, como mostram os exemplos: *normal* (de *norma* + *al*), *gostoso* (de *gosto* + *oso*) etc.

Portanto, parece-nos plausível considerar os verbos *amarelar* e *azular* como parassintéticos, em função das duas observações acima².

Assim também devem ser classificados verbos como *requentar* e *reverdecer*, embora nossos dicionários registrem as formas *quentar* e *verdecer*, o que poderia dar-nos a impressão de que as primeiras formas são derivadas por prefixação.

Alguns verbos de base adjetival, antecededos do prefixo *re-*, são parassintéticos: *refinar*, *refrescar*, *reloucar* (dada a inexistência de formas como **finar* (de *fino*), **frescar*, **loucar*). Esse subsistema permite-nos concluir que *requentar* e *reverdecer* são formados a partir dos adjetivos *quente* e *verde*:

re + quente + ar / re + verde + ecer,

em paralelismo com os demais verbos mencionados.

O exame do subsistema pode também revelar que um determinado vocábulo, aparentemente formado por parassíntese, é, na verdade, um derivado prefixal. Tome-se, por exemplo, o adjetivo *inquebrantável*. A inexistência de **quebrantável* e **inquebrantar* tem conduzido alguns a considerar *inquebrantável* como parassintético. No entanto, a ocorrência de *inquebrável*, *indesejável*, *impensável*, em que o prefixo se atrai ao adjetivo, e não ao verbo (**inquebrar*, **indesejar*, **impensar*), mostra-nos que esses adjetivos são todos derivados prefixais.

² Entretanto, queremos assinalar que se trata de uma hipótese, uma proposta, visto que há verbos derivados de adjetivos que indicam cor que não são parassintéticos. Cf.: *branquejar*, *verdejar* etc.

Relativamente à não-documentação de uma forma como *quebrantável*, convém lembrar uma observação de Mário Barreto:

É certo que se não acha nos dicionários [refere-se o autor ao adjetivo *incontrável*]; mas *incontrável*, como outros muitos verbais em *ável*, *ível*, é do número daquelas palavras que se podem chamar *facilmente formáveis*.³ (*Fatos da língua portuguesa*, p. 34)

Outro caso interessante é o de verbos que apresentam duas formas, uma com prefixo comum na formação de parassintéticos e outra sem o referido prefixo:

alargar — *largar*
embandeirar — *bandeirar*
respigar — *espigar*

Naturalmente, a ausência do prefixo na segunda forma leva-nos a pôr em dúvida o traço de parassíntese dos verbos da primeira coluna.

→ É importante assinalar que, num grupo de derivados, deve haver relações não só formais, mas também semânticas.

Examinando os três pares de verbos acima, observamos que os membros de cada par apresentam uma relação apenas formal. Do ponto de vista semântico, as relações são vagas ou, até, imperceptíveis:

alargar, “tornar largo”
largar, “soltar”

embandeirar, “ornar com bandeiras”
bandeirar, “organizar bandeira, ser bandeirante”

respigar, “recolher as espigas”
espigar, “criar espiga (o milho, o trigo)”

→ Assim sendo, o elemento comum aos membros de cada par é apenas o radical:

³ O *Novo Dicionário Aurélio*, por ser mais recente, regista o verbete *incontrável*.

largar — formado de *larg(o)* + *ar*
alargar — formado de *a* + *larg(o)* + *ar*
embandeirar — formado de *em* + *bandeira* + *ar*
(*bandeirar* — formado de *bandeira* + *ar*)
respigar — formado de *re* + *espiga* + *ar*
(*espigar* — formado de *espiga* + *ar*)

Portanto, os verbos *alargar*, *embandeirar* e *respigar* são parassintéticos. A omissão do prefixo implicaria um significado diferente para cada um desses verbos; para o sentido que apresentam, o prefixo é indispensável.

Essas considerações e exemplos levam-nos a atribuir ao elemento semântico um papel também importante na caracterização da parassíntese.

Alguns verbos parassintéticos apresentam o radical em sua forma arcaica (*abaular*, de *baul*, forma antiga de *bau*; *esfolar*, de *fole*, na acepção antiga de “pele”); outros contêm uma forma reduzida do radical (*esfulinhar* (de *fultem*); *enjangar* (de *jangada*)).

As observações aqui apresentadas permitem-nos concluir que a parassíntese não pode ser conceituada com base exclusiva na simultaneidade dos afixos; o exame de subtemas, bem como a análise do aspecto semântico, são, também, critérios indispensáveis para a caracterização desse processo de formação vocabular.

4

Derivação regressiva e abreviação

Nos capítulos 2 e 3 examinamos os vocábulos derivados por afixação. Aqui, estudaremos os derivados resultantes da eliminação de uma terminação do vocábulo derivante; é o processo denominado derivação regressiva (ou regressão).

A derivação regressiva ocorre quando, a partir de um vocábulo com sufixo real ou suposto, formamos um novo vocábulo através da eliminação do referido sufixo: assim, de *aceiro* (em que *-eiro* faz parte integrante do radical) formou-se *aço* (pela falsa suposição de que *-eiro* fosse sufixo, levando-se em conta vocábulos como *ferreiro*, *jardineiro*, *pedreiro* etc.). É também o caso de *sarampo* (com relação a *sarampão*), *rosmano* (com relação a *rosmaninho*), em que as terminações das segundas formas foram interpretadas como sufixos de grau.

Contudo, o maior número de derivados regressivos é constituído de substantivos-deverbiais, como:

paga, de *pagar*
luta, de *lutar*

Eis por que dedicaremos a eles a maior parte deste estudo.

Será que *paga* origina-se de *pagar*, ou é o contrário que se verifica?

Mário Barreto, em *De gramática e de linguagem*, apresenta uma solução prática para o assunto:

Para que o consulente tire a dúvida de se a palavra primitiva é o verbo ou, antes, o nome, saiba que, se o substantivo denota acção, será palavra derivada, e o verbo palavra primitiva; mas se o nome denota algum objecto ou substância, se verificará o contrário. (p. 331)

O critério proposto por Mário Barreto tem sido adoptado por nossas gramáticas mais recentes.

Como o verbo não é facilmente definido do ponto de vista semântico, há quem prefira propor uma explicação mais simples: uma base define-se como verbo ou nome em função dos morfemas a ela anexados:

pag-a-r (verbo)
(as) pag-a-s (subst.)

Essa posição parece-nos pecar por três aspectos:

- 1) não explica por que não há nomes regressivos para todos os verbos; por exemplo, não temos **escarafuncha* (de *escarafunchar*) e **enxerga* (de *enxergar*);
- 2) entra em contradição com os deverbiais progressivos, formados por sufixação (*construção*, de *construir*), reconhecidos como indiscutivelmente derivados;
- 3) apresenta como estático um fenómeno que, na verdade, é caracteristicamente dinâmico.

Em virtude desses fatos, preferimos reconhecer nos deverbiais regressivos o traço de derivação, apesar de algumas dificuldades que comentaremos a seguir.

Os deverbiais regressivos são extraídos da primeira ou da terceira pessoa do singular do presente do indicativo; daí, serem nomes de tema em *-o* (quando procedem da primeira pessoa) ou de tema em *-a* ou *-e* (quando procedem da terceira pessoa):

*erro*¹, de *errar*
caça, de *caçar*
abate, de *abater*

Os deverbais de tema em -o adquirem, no português moderno, grande vitalidade: *o agito*, *o chego*, *o sufoco*.

Freqüentemente um verbo da primeira conjugação dá origem a um deverbal de tema em -e; nesse caso, trata-se ou de analogia, ou de influência de outra língua românica assinalada em nossos dicionários etimológicos:

empate (talvez analogia com *abate(r)* e *embate(r)*)
saque (do catalão)

Ocorrem, ainda, deverbais regressivos com duas formas paralelas: uma de tema em -o, e outra de tema em -a:

ameaço / ameaça
 grito / grita

Normalmente formados em épocas diferentes, os membros desses pares coexistem hoje e estabelece-se entre eles uma diferença semântica (*ameaço* e *ameaça*, bem como *grito* e *grita*, não são sinônimos, não podendo alternar nos mesmos contextos).

De qualquer forma, convém insistir em que as vogais temáticas atualizadoras dos deverbais regressivos não são predizíveis.

Em relação aos deverbais polissílabos (como *dúvida*), dá-se em nossa língua um fenômeno bastante curioso. Em português, há uma oposição entre formas verbais não proparoxítonas e formas nominais (vocábulos eruditos ou semi-eruditos que mantêm a prosódia proparoxítona latina):

exercito (verbo) — *exército* (nome)

¹ O timbre da vogal tônica é fechado (ê). Trata-se do fenômeno "metafonia", pelo qual o timbre da vogal tônica se fecha por influência da vogal átona final. A metafonia é freqüente em muitos deverbais regressivos.

É a chamada alternância prosódica (ou acentual), exemplificada ainda pelos pares:

dúvida (subst.) — *duvida* (verbo)
réplica (subst.) — *replica* (verbo)

Esse tipo de alternância acabou constituindo-se em modelo para a formação de nomes derivados de verbo sem o acréscimo de morfema:

retifica (verbo) — *retífica* (subst.)

Evidentemente, não se trata aqui de derivação regressiva, diferentemente do que propõem alguns de nossos dicionários etimológicos e algumas gramáticas portuguesas do início do século, pois não se deu a subtração de nenhum elemento. Em todos esses casos a alternância prosódica funciona como traço diferenciador do nome e do verbo.

A derivação regressiva é um exemplo de fato linguístico em que uma perspectiva exclusivamente sincrônica nem sempre é suficiente. O estudo da regressão requer, com freqüência, a pesquisa diacrônica, com consulta a dicionários etimológicos; por exemplo, os substantivos *falha* e *falta*, apesar de uma certa ideia de ação, são primitivos; *mexerica* e *condão*, por sua vez, são regressivos.

O professor A. J. Sandmann, em sua *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*, embora também reconheça a importância da investigação diacrônica no estudo da regressão, destaca três casos interessantes em que o caráter regressivo do substantivo pode ser apreendido do ponto de vista sincrônico, em bases formais. Desses três casos, selecionamos dois, a título de ilustração.

O primeiro é representado por grupos de vocábulos como:

gordo — engordar — engorda

Como do adjetivo chegamos ao verbo através de uma derivação parassintética com prefixo *en-*, a presença do mesmo

prefixo no substantivo indica que este procede do verbo (e não do adjetivo).

O segundo caso é ilustrado pela série:

flor — florear — floreiro

Do substantivo *flor* forma-se o verbo *florear*, com o auxílio do sufixo *-ear*; a presença de *-e-* em *floreio* indica que este provém do verbo. (A primeira pessoa do singular do presente do indicativo de *florear* é *floreio*.)

Processo de nominalização

Pode-se também depreender o valor dinâmico ou não do substantivo pelo contexto extravocabular. Assim, a palavra *pesca* no par

a *pesca* do bacalhau / a *pesca* sobre a mesa

contém a idéia de ação no primeiro membro do par, em oposição ao segundo, em que emerge a idéia concreta (e onde, portanto, não teríamos um deverbal regressivo).

Esse valor dinâmico dos nomes é estudado especificamente no tópico das nominalizações, que explicitamos a seguir.

Entende-se por nominalização o processo gramatical de formar nomes a partir de outras partes do discurso, usualmente verbos e adjetivos (cujo parentesco já ressaltamos no capítulo 1).

Há vários tipos de nominalização mas vamos aqui destacar as afixais, ou seja, as que utilizam afixos². Em português, os principais sufixos nominalizadores são: *-ança*, *-ção*, *-mento* e ϕ (zero):

a *lembrança* de meu pai (comparar com:

Meu pai lembrou-se e/ou

Lembrei-me de meu pai)

² Deixaremos de lado os prefixos que também contribuem para a nominalização, a fim de simplificar nossa exposição.

a *nomeação* do secretário
o *sofrimento* do doente

a *pesca* do bacalhau (que, em comparação com as formas citadas, apresenta o sufixo ϕ).

No quadro das nominalizações, o estudo dos regressivos extrapola os limites do vocábulo. Esse aspecto será retomado e desenvolvido no capítulo 5, que trata dos casos de derivação imprópria.

Abreviação

É um fenômeno semelhante ao da derivação regressiva, mas caracterizado por outros traços específicos.

Encontramos uma primeira referência a esse fenômeno na *Moderna gramática portuguesa*, de Evanildo Bechara:

A *abreviação* consiste no emprego de uma parte da palavra pelo todo. É comum não só no falar coloquial, mas ainda na linguagem cuidada, por brevidade de expressão: *extra* por *extraordinário* ou *extrafino*. (p. 185)

Embora alguns incluam a abreviação na derivação regressiva, convém distinguir os dois processos.

De um modo geral, como vimos anteriormente, a derivação regressiva se dá também através da mudança de classe gramatical (verbos que passam a substantivos); na abreviação, embora ocorra redução do vocábulo, ele permanece na mesma classe gramatical:

extra (adj.) — *extraordinário* / *extrafino* (adj.)

cine (subst.) — *cinema* (subst.)

foto (subst.) — *fotografia* (subst.)

Não é esse, entretanto, o traço distintivo essencial, pois existem alguns derivados regressivos que conservam a mesma classe gramatical do elemento derivante: *aceiro* (subst.) —

ação (subst.). A derivação regressiva significa, isto sim, uma redução específica: elimina-se no vocábulo derivado o sufixo (real/suposto) ou a desinência do derivante.

Ora, no caso da abreviação, a redução não se pauta por critérios específicos e homogêneos, como mostram os exemplos anteriormente apresentados. No caso de *extra*, reduz-se o vocábulo ao prefixo; em *cine* e *cinema*, há corte aleatório de sílabas, pois a forma primitiva é *cinematógrafo* (de *cinemat(o) + gráfico*)³; quanto a *foto*, mantém-se o primeiro elemento — o determinante — do composto (*fotografia*) de dois radicais gregos.

Eis por que é conveniente distinguir os dois processos. Observemos, para encerrar, que a forma abreviada pode coexistir com a forma da qual foi extraída; nesse caso, estabelece-se entre elas uma diferença de sentido ou de distribuição. Exemplo interessante é o do par *cine / cinema*: utiliza-se a forma abreviada quando se acrescenta o nome do cinema; com a omissão deste, usa-se a forma primitiva, mais longa:

Vou ao *cine* Astor.

Vou ao *cinema* (e não: *Vou ao *cine*).

Trata-se, portanto, de um exemplo em que a diferença de emprego entre as duas formas é pautada por um critério distribucional.

³ A semelhança de *pneumático*, que deu origem a *pneu* (e não a **pneumato*).

5

Derivação imprópria ou conversão

Nos capítulos anteriores estudamos processos de formação vocabular que consistem em acréscimo ou subtração de afixos a um radical.

Um vocábulo também pode ser formado quando passa de uma classe gramatical a outra, aparentemente sem alterações formais; é o que se denomina derivação imprópria ou, mais comumente, conversão.

Como exemplos de conversão, em português, temos a passagem:

- a) de substantivo próprio a comum: *quixote* — *macadame* — *champanha*;
- b) de substantivo comum a próprio: *Figueira* — *Ribeiro* — *Fontes*;
- c) de adjetivo a substantivo: *circular* — *brilhante* — *ouvinte*;
- d) de substantivo a adjetivo: *burro* — (guerra) - *relâmpago*;
- e) de substantivo/adjetivo/verbo a interjeição: *Silêncio!* — *Bravo!* — *Viva!*;
- f) de verbo a substantivo: *afazer* — *pesar* — *andar* — *quebra* — *vale* — *pêsame*;
- g) de verbo e advérbio a conjunção: *quer...quer* — *seja...seja* — *ora...ora*;

- h) de adjetivo a advérbio: (falar) *alto* — (custar) *caro*;
- i) de participípio (presente/passado) a preposição: *mediante*
— *salvo* — *exceto*;
- j) de participípio passado a substantivo e adjetivo: *resoluto*
— *vista* — *ferida*;
- l) de palavras invariáveis a substantivos: (o) *sim* — (o) *não*
— (o) *porquê*.

Considerando que esses vocábulos, mudando de classe, alteram seus sentidos, vários autores observam que esse processo pertence à área da semântica, e não à da morfologia. Na verdade, há traços formais caracterizadores desse fenômeno, que não o tornam exclusivo da área da semântica; além disso, os itens apresentados agrupam-se em blocos que uma simples enumeração não permite perceber.

Translação de primeiro grau

A rigor, os casos de conversão ilustram o fenômeno da translação, especificado por L. Tesnière em seus *Éléments de syntaxe structurale*.

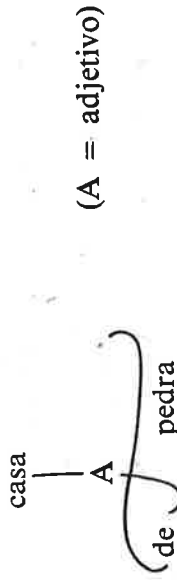
Segundo o autor, a translação de primeiro grau consiste na transferência de uma palavra de uma categoria gramatical a outra, ou seja, em transformar uma espécie de palavra em outra. Assim, na expressão:

casa de *pedra*

o substantivo *pedra* figura na expressão de *pedra*, de valor adjetival com relação a *casa*. (Observe-se que *de pedra* comuta facilmente com *grande*: casa *grande*.)

Todo conjunto de *pedra* é designado por Tesnière como transferido (aqui, para a categoria dos adjetivos); o elemento responsável pela translação, no caso a preposição *de*, é o translativo; e o substantivo que sofre o processo de translação é o transferendo (o substantivo *pedra*).

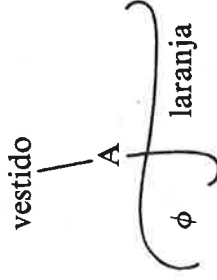
Na esquematização das frases pelo estema — grafismo criado por Tesnière —, a translação é indicada por um T maiúsculo estilizado; à esquerda da haste, coloca-se o translativo e, à direita, o transferendo; sobre o traço horizontal do T indica-se a transferência ocorrida:



O translativo pode ser eventualmente representado por ϕ (zero), como na expressão:

vestido *laranja*

Laranja adjetiva *vestido* pela simples posposição ao substantivo; o estema correspondente é:



Conversão e translação

Com base no conceito de translação, vejamos quais são os traços formais caracterizadores de cada um dos itens anteriormente apresentados.

Nos casos em que se dá a mudança de classe para substantivo (itens c), f), j) e l)), os adjetivos, os verbos, os participípios passados e as palavras invariáveis, embora não sofram alteração em si, passam a ser antecidos pelo artigo, que assume o papel de translativo; portanto, o processo faz-se sentir através do eixo sintagmático extravocabular. É inte-

ressante observar que, com relação aos verbos no infinitivo, há graus de substantivação: assim, dizemos *os afazeres*, *os haveres*, no plural (e não: **os comeres e os beberes*).

A passagem dos substantivos a adjetivos ocorre, geralmente, quando o substantivo passa a exercer o papel de determinante com relação a outro substantivo antecedente: (guerra)-*relâmpago* (item d); é, também, um fenômeno observável ao nível do eixo sintagmático. Aqui, o translativo é ϕ e, a rigor, não houve propriamente mudança de classe, mas de função: *relâmpago* funciona como aposto de *guerra*.

Com relação aos verbos que passam a conjunções, é preciso notar que, como estas, aqueles se tornam invariáveis; é o que se constata no exemplo *quer...quer* (em que não pode ocorrer outra forma flexionada do verbo *querer*).

Também se tornam invariáveis os adjetivos que passam a advérbios:

A menina falou *alto*;

As meninas falaram *alto*.

A mesma observação cabe aos participios (presente/passado) que passam a preposições: eles tornam-se, nesse caso, invariáveis. Acrescente-se, ainda, que, diferentemente das preposições essenciais, eles têm ligação frouxa com o antecedente (indicada pela pausa e pela mobilidade do sintagma preposicional com relação ao resto da frase):

Todos fizeram o trabalho, *exceto José*;

Todos, *exceto José*, fizeram o trabalho;

Exceto José, todos fizeram o trabalho.

A mobilidade e a pausa são os vestígios do caráter inicial de orações reduzidas desses sintagmas preposicionais.

No que se refere ao item e), não se pode falar em mudança de classe como nos casos já analisados: as interjeições não são espécies de palavras e, sim, de frases. Além disso, se distinguirmos interjeições de exclamações, de

acordo com os critérios propostos por J. Mattoso Câmara Jr., no *Dicionário de lingüística e gramática*:

[...] As interjeições são palavras especiais e se distinguem das *exclamações*, vocábulo soltos, emitidos no tom de voz exclamativo, ou frases mais ou menos longas que em regra começam pelas partículas *que, como, quanto, quão*, e constituem orações de um tipo especial, ou fragmentos de oração, ou monorrema (v.). Exs.: *Admirável!*, *Que quadro de margaridas!*. (p. 147)

somos obrigados a reconhecer que um dos exemplos propostos no início deste capítulo — *Silêncio!* — é, na realidade, uma frase nominal exclamativa (e não uma interjeição).

Quanto aos itens a) e b), também não se pode falar em mudança de classe, pois os substantivos continuam sendo substantivos; há, na verdade, uma mudança de subclasse (substantivos próprios passando a comuns e vice-versa).

Feitas as ressalvas aos itens a), b), e e), podemos fixar-nos nos demais e tentar uma classificação em blocos.

Os itens c), f), j) e l) constituem um primeiro bloco, em que a mudança de classe é marcada pela presença do artigo, em função de translativo.

Os exemplos apresentados em d) ilustram a possibilidade de mudança de classe apoiada na nova função de determinante. Neste caso, normalmente, o determinante se põe ao determinado (como sugere o exemplo (guerra)-*relâmpago*) e é o elemento que pode ser omitido sem prejuízo sintático para a frase em que figura. Aqui, o translativo é ϕ .

Por sua vez, os exemplos dos itens g) e h) são ilustrativos da mudança de classe apoiada na invariabilidade dos elementos em questão. Todavia, não se trata de um bloco homogêneo; valem as mesmas observações que fizemos a respeito dos participios que passam a preposições. Em h), o processo de adverbialização do adjetivo dá-se, também, através do translativo ϕ .

Todas as considerações anteriores permitem-nos observar que a derivação imprópria (ou conversão) é um processo também caracterizado por traços formais.

Não há dúvida, contudo, de que os traços formais assinalados se situam no eixo sintagmático, no contexto exterior ao vocábulo (com exceção dos itens g) e h)). A morfologia estrutural atém-se ao eixo sintagmático circunscrito ao vocábulo propriamente dito.

A necessidade de levar-se em conta o contexto exterior ao vocábulo também se faz sentir no estudo dos deverbais (sufixais e regressivos), intimamente relacionados com os processos de nominalização, conforme ilustram os exemplos:

a *construção* da casa
a *pesca* do bacalhau

(Lembre-se de que esse processo já foi estudado nas páginas 26-7.)

Morfossintaxe

De acordo com a tradição gramatical portuguesa, o vocábulo isolado é objeto de estudo da morfologia, cabendo à sintaxe o estudo da combinatória dos vocábulos.

Como, para Tesnière, a translação é um fenómeno sintático, os exemplos aqui discutidos remetem ao problema do estabelecimento das fronteiras entre a morfologia e a sintaxe.

Entretanto, esse problema não existe para os linguistas que se preocupam com a morfossintaxe, ou seja, com o estudo das variações formais que caracterizam os morfemas em relação com os processos sintáticos que as condicionam. Nessa perspectiva, as marcas da flexão são estudadas no quadro da concordância, acessível somente ao nível da estrutura e da função dos constituintes na frase, isto é, no nível levado em conta pela sintaxe.

A conversão passa a ser, por conseguinte, um capítulo de particular relevo da morfossintaxe.

6

Composição

É um processo de formação lexical que consiste na criação de palavras novas pela combinação de vocábulos já existentes: *amor-próprio*; *ganha-pão*.

Enquanto nos casos de derivação já mencionados tínhamos um só radical (ao qual se atrelavam prefixos e/ou sufixos), na composição são necessários pelo menos dois radicais. Embora alguns gramáticos e linguistas tendam a englobar, aqui, a prefixação, é preferível que a consideremos como um caso de derivação, conforme as observações feitas no capítulo 1.

É importante assinalar que, na palavra composta, os elementos primitivos perdem a significação própria em benefício de um único conceito, novo, global. Um substantivo como *amor-perfeito* designa uma flor e, em qualquer contexto em que figure, pode comutar com uma palavra simples, como *rosa*, *margarida* ou *cravo*. Referimo-nos, naturalmente, a uma comutação formal — isso não significa que esses nomes de flores sejam sinónimos.

Mesmo nos exemplos em que se pode perceber uma relação significativa entre os elementos componentes, um exame, mesmo superficial, revela uma certa convencionalidade. Não se pode interpretar um composto, por exemplo, *quebra-nozes*,

como qualquer objeto (pedra ou martelo) com que se quebram nozes; sabemos que se trata de um objeto com características específicas, conhecido por todos nós.

Noutros casos, os elementos constituintes do composto não apresentam nenhuma relação significativa com o todo. Basta observar exemplos como o já mencionado *amor-perfeito*, ou *pé-de-meia*, em que o sentido dos elementos não nos permite deduzir a significação do todo.

Tipos de composição

Podemos distinguir dois tipos de composição, conforme a fusão mais ou menos íntima das palavras componentes: justaposição e aglutinação.

Ocorre a justaposição quando os termos associados conservam a sua individualidade: *passatempo*, *sempre-viva*. A utilização do hífen no segundo exemplo, e não no primeiro, será objeto de estudo do próximo subtítulo.

Tem-se a aglutinação quando os vocábulos ligados se fundem num todo fonético, com um único acento, e o primeiro perde alguns elementos fonéticos (acento tónico, vogais ou consoantes): *boquiaberto*, *pernalta*.

O desgaste do primeiro termo é variável, conforme ilustra a passagem abaixo:

A adaptação da primeira palavra pode ser de quatro espécies: 1) mudança da parte final em relação à mesma palavra quando isolada; ex.: *lobis* — (comparar — *lobo*, em *lobisomem*); 2) redução da palavra ao seu elemento radical; ex.: *planaito*, onde *plan-* é o radical de *plano* (o composto indica um solo plano e alto numa montanha); 3) elemento radical alterado em relação à palavra quando isolada; ex.: *vinicultura* (*vin-* mas *vinh-* em *vinha* "árvore da uva"); 4) elemento radical que não aparece em português em palavra isolada; ex.: *agricultura* (a *agr* corresponde, em palavra isolada, *campo*).¹

¹ Passagem extraída de Evanildo Bechara, *Moderna gramática portuguesa*, p. 170 (com base na *Teoria da análise léxica*, de J. Mattoso Câmara Jr.).

A segunda palavra pode apresentar as seguintes alterações:

- 1) com mudança na parte final; ex.: *monocórdio* (instrumento de uma só corda); 2) com o elemento radical alterado; ex.: *vinagre* (um vinho que é acre); 3) com um elemento radical diverso do que a correspondente palavra isolada; ex.: *agrícola* (ao elemento de composição cola corresponde a idéia de *habitar* ou *cultivar*).²

Entre as duas citações há curiosos paralelismos.

Se o processo de fusão for muito acentuado, de forma que o falante não reconheça os elementos componentes, deve-se considerar o vocábulo como primitivo, do ponto de vista sincrónico. A título de exemplo, podemos citar o substantivo *fidalgo*, proveniente de *filho dalgo* (de *filho* + *de* + *algo* > *filho dalgo* > *fi-dalgo* > *fidalgo*). Embora a etimologia revele o traço de composição, sincronicamente não o percebemos; devemos, portanto, interpretar esse vocábulo como primitivo, do qual se derivam formas como *fidalgua*, *afidalgar* etc.

Uso do hífen nos compostos

Vejamos se é possível caracterizar os compostos da língua portuguesa pela utilização do hífen. Basear-nos-emos, aqui, nas considerações de Celso Pedro Luft, em seu *Grande manual de ortografia Globo*, onde as regras relativas à hifenização são minuciosamente explicitadas.

Observa o autor que são necessárias três condições para a hifenização nas palavras compostas:

- 1) apresentar unidade semântica: a significação global deve ser diferente da significação individual dos elementos constitutivos. Examine-se, a título de exemplo, o con-
traste: *mesa-redonda* / *mesa redonda*;

² Idem, ibidem, p. 170.

- 2) ter consciência dos elementos constitutivos que conservam a realização prosódica normal de fonemas e acentos. Note-se, por exemplo, os timbres diferentes do *o* nos contrastes: *roda-gigante* (com *o* aberto) / *rodapé* (com *o* fechado);
- 3) serem formas livres os elementos componentes: *alça-pé* / *alçapão* (de *alça* e *põe*).

De dez casos de composição com hífen enumerados pelo autor, destacaremos nove³.

- 1) Quando dois ou mais vocábulos se somam na designação de um ser: lobo-marinho / amor-perfeito;
- 2) Quando o primeiro elemento é forma reduzida: prazer / cine-jornal. Observe-se, contudo, exceções como: labiodental / linguental;
- 3) Nos compostos constituídos de palavras repetidas: corre corre / assim-assim;
- 4) Nas composições de dois adjetivos ou dois verbos: econômico-financeiro; ganha-perde. Note-se, entretanto: *vaivém*, sem hífen;
- 5) Nos nomes pátrios derivados de topônimos que se grafam como locuções: americano-do-norte / cabo-verdiano. Aqui, também, aparecem exceções: buenairense / riberepretano;
- 6) Nos nomes dos dias da semana: segunda-feira / sexta-feira;
- 7) Nos compostos de base oracional (sujeito + predicado, verbo + complemento etc.): deus-nos-acuda / abre-latas / maria-vai-com-as-outras. Note-se, contudo, *vagalume* (mais usual que *vaga-lume*);
- 8) Em composições de substantivo + preposição + substantivo, substantivo-adjetivo, adjetivo-substantivo, com

³ O décimo refere-se aos vocábulos formados por prefixação, que já excluímos do quadro da composição.

unidade semântica: amigo-da-onça / amor-próprio / baixo-relevo;

- 9) Nos vocábulos em que entram os elementos sufixados *mor*, *guaçu* e *mirim*. Com *mor*, o emprego do hífen dá-se em todos os casos: altar-mor / guarda-mor.

Já com *guaçu* e *mirim*, a condição é que o primeiro elemento termine em vogal nasal ou acentuada graficamente:

maracanã-guaçu / socó-mirim

Com relação ao quadro de Celso Pedro Luft, cabem duas observações. A primeira consiste em notar que as nove regras apresentadas, se organizadas em blocos, implicariam uma redução no seu número, bem como levaria o leitor a perceber relações e paralelismos que se estabelecem entre algumas delas. As regras 3) e 4) não são essencialmente diferentes; as de número 7) e 8) fundamentam-se no exame da estruturação sintática do composto. Acrescente-se, também, que a regra número 2), em que se menciona o caráter de forma reduzida do primeiro elemento, é retomada em um dos casos da regra número 9): o elemento *mor* é redução de *maior*.

Além desses esclarecimentos, convém ressaltar que as exceções apresentadas pelo autor, assim como a existência de compostos como *casa de detenção* e *estrada de ferro*, sem hífen (apesar do paralelismo estrutural com *amigo-da-onça*, com hífen), mostram claramente que os compostos não podem ser totalmente caracterizados com base no processo da hifenização.

Eis por que se torna necessário procurar critérios linguístico-formais que nos ajudem a caracterizar os compostos.

Traços lingüísticos dos compostos

No segundo volume de sua *Teoria da linguagem*, Herculano de Carvalho estuda os sintagmas fixos, isto é, estereo-

A segunda propriedade assinala que os elementos do composto não podem, isoladamente, ser substituídos ou suprimidos. Se, num sintagma livre, como *amigo dedicado*, é possível substituir *dedicado* por *fiel*, *amigo fiel*, não é o que se verifica com o substantivo que nos serviu de exemplo na página 40; *amor-perfeito* (como designação de uma flor) não admite a substituição de um de seus termos, como, por exemplo, **amor-imperfeito*. Aqui, a única substituição admissível é a que propõe outro composto ou uma palavra simples, como *rosa* ou *margarida*.

Da mesma forma, a expressão *colher amores-perfeitos* não admite a supressão ou a comutação com ϕ (zero) para nenhum dos componentes do composto:

colher amores-perfeitos

*colher amores ϕ

*colher ϕ perfeitos

Convém, aqui, atenuar o caráter genérico desta propriedade. Examinaremos, mais adiante, alguns compostos constituídos de um elemento determinado e outro determinante; como, normalmente, o determinante encerra a noção mais característica, é freqüente que ele assuma o lugar do todo: é o caso de *carta circular*, em que a supressão do determinado *carta* resulta na simples forma *circular*, mais usual. Outro exemplo é *capital*, por *cidade capital*.

A terceira propriedade afirma que os compostos apresentam com freqüência construções sintáticas anômalas, diferentemente do que ocorre com a combinação dos termos dos sintagmas livres. Em *mestre-escola*, o segundo substantivo, de função restritiva, está ligado a outro substantivo sem auxílio de preposição (compare-se com *mestre de* ou *da escola*); *surdo-mudo* e *ganha-perde* são exemplos de associação sem conjunção (compare-se com *surdo e mudo*).

Essas diferentes combinações também serão objeto de nosso estudo.

tipados, que apresentam como traço comum com a palavra a unidade semântica e morfossintática.

Considerando que os compostos são elementos igualmente estereotipados, podemos aplicar-lhes as observações de Hérculano de Carvalho, relativas aos sintagmas fixos em geral.

Os aspectos ligados à unidade semântica desse tipo de sintagma já foram apontados neste capítulo. Determinamos, aqui, no estudo da unidade morfossintática do sintagma fixo, atendo-nos a quatro das propriedades assinaladas pelo autor.

Como primeira propriedade, é preciso observar que a ordem de sucessão dos termos do composto é rígida e entre eles não se pode introduzir nenhum outro elemento. Assim, um substantivo composto como *amor-perfeito* não poderia sofrer a inversão *perfeito-amor*; qualquer adjetivo modificador do grupo deverá estar à esquerda ou à direita deste, não sendo aceitável a sua colocação no interior do composto:

delicado amor-perfeito

amor-perfeito *delicado*

*amor-*delicado*-perfeito (inaceitável)

É esta propriedade que nos esclarece o caráter de compostos de sintagmas em *casa de detenção* e *estrada de ferro*:

casa de detenção *destruída* / *destruída* casa de detenção

*casa *destruída* de detenção

estrada de ferro *abandonada* / *abandonada* estrada de ferro

*estrada *abandonada* de ferro⁴

Já um sintagma livre, como *rapaz bom*, não só aceita a inversão, *bom rapaz*, como também possibilita uma construção do tipo *rapaz muito bom*.

⁴ Estes compostos, apesar de não estarem grafados com hífen, não perdem o caráter de compostos.

Como última propriedade, cabe ressaltar que o composto funciona sintaticamente como uma só palavra; sempre pode ser substituído por um único vocábulo:

Admiro a | *estrada de ferro*.
Admiro a | *pista*.

Esta última propriedade é, na verdade, a essencial, da qual derivam as demais, já explicitadas.

Os critérios lingüísticos aqui apontados permitem-nos levantar um quadro de compostos da língua portuguesa mais rico e variado do que as nossas gramáticas e dicionários comumente apresentam. Esses critérios são preferíveis aos ortográficos, cujas limitações já assinalamos.

Estrutura dos nomes compostos

A estrutura dos compostos em português é bastante variada, conforme ilustra o quadro abaixo:

- 1) substantivo + substantivo: dois elementos se unem por concordância ou coordenação⁵. O determinante pode preceder o determinado: mãe-pátria / papel-moeda; ou seguir-se a ele: peixe-espada / escola-modelo⁶;
- 2) substantivo + preposição + substantivo: baba-de-moça / pé-de-vento;
- 3) substantivo + adjetivo (ou vice-versa): amor-perfeito / belas-artes;
- 4) adjetivo + adjetivo: surdo-mudo / tragicômico;
- 5) pronome + substantivo: Nosso Senhor / Vossa Senhoria;
- 6) numeral + substantivo: três-marias / segunda-feira;

⁵ A composição é subordinativa quando os elementos se unem por uma relação de complemento do substantivo, do adjetivo ou do verbo. Ilustram-na, por exemplo, os itens 2) e 8).

⁶ Nos compostos tipicamente portugueses, o determinado geralmente precede o determinante.

- 7) advérbio + substantivo / adjetivo / verbo: benquerença / sempre-viva / bem-querer;
- 8) verbo + substantivo: lança-perfume / saca-rolhas;
- 9) verbo + (conjunção) + verbo: corre-corre / leva-e-traz;
- 10) verbo + advérbio: pisa-mansinho / ganha-pouco;
- 11) um grupo de palavras ou uma frase inteira: um Deus-nos-acuda / mais vale um *toma* que dois *te darei*.⁷

O quadro que acabamos de mostrar merece alguns comentários. Com relação ao item 4), por exemplo, convém observar que, quando o primeiro adjetivo é longo, a tendência é torná-lo mais curto que o segundo (ou igual a este): tragicômico; luso-brasileiro; judeo-cristão (pela razão exposta, melhor do que o usual *judaico-cristão*).

No que se refere ao item 8), explica-se o modelo de composição pelo emprego substantivado do imperativo na segunda pessoa do singular, seguido de seu complemento. A expansão da estrutura ficou subordinada a nova interpretação semântica: nos compostos modernos o elemento verbal se apresenta como terceira pessoa do singular do presente do indicativo (*saca-rolhas*, "objeto que saca rolhas").

Todos esses itens mostram também que a estrutura dos compostos é sintática, diferentemente do que ocorre nos casos de derivação. Essa característica é a chave da explicação para muitos dos casos de flexão de número dos compostos.

⁷ Este último tipo, bastante produtivo na literatura moderna, é frequente nas obras de Guimarães Rosa: *Exaltino-de-trás-da-Igreja*, *Pindalbas-de-Baixo-e-de-Cima* etc.

A partir dessas duas normas, na verdade interligadas, o autor arrola os diferentes tipos de compostos, com as respectivas regras de flexão de número, que passamos a destacar.

7 Flexão de número dos compostos

De um modo geral, em nossas gramáticas, as regras relativas à formação do plural dos substantivos e dos adjetivos compostos são estabelecidas como mais ou menos convencionais, acrescidas de particularidades e exceções.

A observação do capítulo anterior — a de que os compostos apresentam uma estruturação sintática — leva-nos à hipótese de que as regras de flexão de número desses vocábulos devem seguir os mesmos princípios que regem, ao nível da oração, a concordância nominal. Conhecidos esses princípios básicos, as regras de formação do plural dos compostos seriam facilmente deduzidas e explicadas. As exceções e particularidades, por sua vez, seriam objeto de estudo numa segunda etapa, em que se procuraria justificar os desvios ocorridos.

Em sua *Sintagmática*, Francisco Dequi, ao estudar esse fenômeno, estabelece inicialmente duas normas fundamentais de concordância nominal:

- a) apenas o substantivo é regente de concordância;
- b) um substantivo, ainda que determinante de outro, não se flexiona para concordar, ou seja, substantivo não concorda com substantivo.

Formação do plural dos compostos¹

- 1) Substantivo determinado por adjetivo (anteposto ou posto): da mesma forma que na sintaxe intervocabular, o adjetivo concorda com o nome determinado:

amor-perfeito — amores-perfeitos
 guarda-civil — guardas-civis
 alto-relevo — altos-relevos
 má-língua — más-línguas

- 2) Substantivo determinado por substantivo (com ou sem preposição de permeio): o substantivo determinante não se pluraliza, pois substantivo não concorda com substantivo (observem-se os exemplos: *sapatos gelo*, *prédio rosa*):

navio-escola — navios-escola
 escola-modelo — escolas-modelo
 pão-de-ló — pães-de-ló
 mula-sem-cabeça — mulas-sem-cabeça

Podem ocorrer que o segundo elemento já venha pluralizado:

gato-de-botas — gatos-de-botas
 cadeira-de-rodas — cadeiras-de-rodas

- 3) Verbo determinado por complemento verbal: embora o núcleo desses compostos seja um verbo, o todo é e funciona como substantivo. O verbo não aceita a desinência pluralizadora nominal.

O complemento verbal pode estar no singular ou no plural (*comi goiaba* / *comi goiabas*). Tal fato permite

¹ Não separaremos, aqui, os substantivos dos adjetivos compostos.

concluir: complemento no singular, composto no singular; complemento no plural, composto no plural:

guarda-pó — guarda-pós
saca-rolha — saca-rolhas
vira-lata — vira-latas
caça-níquel — caça-níqueis

4) Verbo determinado por advérbio/palavra invariável: já assinalamos que o verbo não aceita a desinência de plural dos nomes; como o advérbio é, também, palavra invariável, os compostos, nesse caso, permanecem invariáveis no plural:

(o) bota-fora — (os) bota-fora
(o) pisa-mansinho — (os) pisa-mansinho
(o) cola-tudo — (os) cola-tudo

5) Compostos sem hífen ou com o primeiro elemento apocópado: a falta do hífen impede a inserção de morfemas; o primeiro termo, apocópado, aparece amputado na parte final, onde se acrescentaria a desinência de plural. Nesses casos, dá-se apenas a pluralização do último elemento:

pontapé — pontapés
planalto — planaltos
bel-prazer — bel-prazeres
grã-cruz — grã-cruzes

6) Substantivos/adjetivos coordenados, sem determinância entre si: como um núcleo não determina o outro (pode-se subentender a conjunção e entre os dois elementos), ambos vão para o plural:

surdo-mudo — surdos-mudos
aluno-mestre — alunos-mestres
cirurgião-dentista — cirurgiões-dentistas
tenente-coronel — tenentes-coronéis

Neste item incluem-se os verbos e nomes onomatopéicos repetidos, pois são elementos coordenados. Por

uma questão de eufonia, é preferível eliminar o -s do primeiro elemento:

(o) treme-treme — (os) treme-tremes
(o) esconde-esconde — (os) esconde-escondes
(o) reco-reco — (os) reco-recos
(o) tico-tico — (os) tico-ticos²

7) Adjetivo constituído de adjetivo-adjetivo: neste caso, dá-se apenas a flexão do último elemento, porque as flexões de concordância nominal ocorrem na parte final dos determinantes flexíveis:

princípio *luso-brasileiro* — princípios *luso-brasileiros*
impasse *sócio-econômico* — impasses *sócio-econômicos*
folha *verde-escura* — folhas *verde-escuras*
sessão *littero-musical* — sessões *littero-musicais*

8) Adjetivo determinado por substantivo ou por outro adjetivo: quando o adjetivo composto é constituído de adjetivo determinado por substantivo, não se flexiona o último elemento, pois o substantivo não concorda com nenhum termo e o adjetivo não é regente de concordância. Se o adjetivo composto for constituído de adjetivo determinado por outro, também não se pluraliza o último elemento, pois adjetivo não concorda com adjetivo e não pode ser regente de concordância:

casa *verde-galho* — casas *verde-galho*
mármore *branco-gelo* — mármore *branco-gelo*
tecido *azul-marinho* — tecidos *azul-marinho*
automóvel *azul-ferrete* — automóveis *azul-ferrete*

Observe-se que o último elemento está determinando o adjetivo que indica cor. A rigor, não são adjetivos enquanto classe; só a função é adjetiva: *casas de um*

² Os compostos de verbos contrastados permanecem invariáveis: (os) *ganha-perde*; (os) *leva-e-traz*. Para a explicação do plural de *vai-vém* — *vai-véns*, v. regra n. 5).

verde (da) cor de galho. Esse aspecto também reforça a explicação da invariabilidade.

Seguimos a ordem de apresentação segundo Francisco Dequi. Poderíamos, no entanto, reunir as oito regras em blocos, pautando-nos pelo critério da estruturação sintática dos compostos examinados ou separando os casos de flexão dos casos de invariabilidade no plural. Essa preocupação teria apenas caráter didático; o importante é que todas as regras se subordinam às duas normas estabelecidas pelo autor, enunciadas no início deste capítulo.

Cabe, ainda, observar que, com relação à regra número 2), por exemplo, são admissíveis os plurais *navios-escolas* e *escolas-modelos*. Existe uma tendência para flexionar os dois termos quando ambos são substantivos ou substantivo + adjetivo (ou seja, palavras variáveis); essa possibilidade, contudo, não invalida a regra anteriormente apresentada.

8 Outros processos de formação de palavras

Além da derivação e da composição, outros processos formadores de palavras também ocorrem com certa frequência em nossa língua: as onomatopéias, a reduplicação (ou redobro), o hibridismo e as siglas.

Onomatopéias

Assim se denominam os vocábulos criados com a preocupação de imitar o som ou a voz de coisas ou de animais. De um modo geral, são monossílabos, freqüentemente reduplicados, com ou sem alternância vocálica: tique-taque / frufu / zunzum.

Deve-se ressaltar, contudo, um certo traço convencional que caracteriza esse tipo de vocábulo, sobretudo quando uma determinada onomatopéia é cotejada com as correspondentes em diferentes idiomas. Assim, o canto do galo, que em português é expresso por *cocoricó* ou *cocorocó*, em inglês é *cock-a-doodle-do* e em alemão é *kikeriki*.

Das onomatopéias podemos derivar os vocábulos onomatopéicos, cujo radical é a onomatopéia seguida de morfemas nominais ou verbais:

zumbido (cf.: *zunzum*)
tilintar (cf.: *tlintim*)

Reduplicação (ou redobro)

Consiste na repetição da sílaba radical de um vocábulo. É utilizada na estruturação das onomatopéias e, por apresentar conotação de carinho, figura nos nomes de parentesco na linguagem infantil e nos hipocorísticos:

papá (ou papai) / mamã (ou mamãe) / titio
Lulu / Zezé

Dignos de nota são os casos de redobro intensivo:

Ela é linda, linda.
Vou já, já.

Merecem também menção os exemplos de redobro em que se dá ao substantivo repetido o caráter de aparente adjetivo: Esse é o *queijo queijo* (ou seja, o queijo de verdade).

Todos esses exemplos mostram que a reduplicação ou redobro apresenta um forte valor expressivo, integrando-se mais no campo da Estilística.

Hibridismo

É a designação dada aos vocábulos compostos ou derivados, cujos elementos provêm de línguas diferentes.

São comuns, em português, os compostos de elemento grego com elemento latino:

grego e latim: *automóvel*
latim e grego: *sociologia*

Contudo, outras combinações também são possíveis:

árabe e grego: *alcalóide, alcoômetro*
francês e grego: *burocracia*

alemão e grego: *zincografia*
latim e germânico: *moscardo*
árabe e tupi: *caferana*
tupi e grego: *caiporismo*
africano e latim: *banana*
tupi e português: *goiabeira, capim-gordura*

Como os elementos constitutivos das palavras formadas por hibridismo figuram em outros vocábulos e são, portanto, recorrentes, podemos integrar esse processo na composição e na derivação.

Recorre-se ao hibridismo sobretudo quando, com elementos gregos, já existem compostos com significação distinta. Assim, devem-se distinguir:

decímetro (lat.: *decem*) e *decâmetro* (gr.: *deka*)

automóvel (lat.: *mobile-*) e *autômato* (adj. grego com a raiz de **máō*, "agir")

Siglas

Trata-se de um processo moderno e generalizado, em que longos títulos ficam reduzidos às letras iniciais das palavras que os constituem:

IBGE = Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ONU = Organização das Nações Unidas
PT = Partido dos Trabalhadores
VARIG = Viação Aérea Rio-Grandense

Pode-se ou não separar as iniciais das siglas por ponto: U.S.A. / USA. Contudo, há uma forte tendência a se prescindir do ponto.

Na leitura, as letras podem ser pronunciadas isoladamente — USA (u-esse-a) — ou como um vocábulo, segundo

as regras usuais de leitura da língua — ONU (ônu) —, o que é bem mais freqüente.

Como, atualmente, as instituições são menos conhecidas por suas denominações completas do que pelas siglas correspondentes, estas passam a ser sentidas como palavras primitivas, das quais se formam derivados:

petismo e petista (de PT)

Assinale-se, também, que as siglas constituem um caso específico de abreviação.

9

Conclusão

Procuramos mostrar ao longo deste livro os aspectos mais importantes dos processos formadores de palavras em português, também comuns a outros idiomas.

Basicamente, destacam-se dois processos gerais: a derivação (em que a uma base se acrescenta(m) afixo(s)) e a composição (resultante da seqüência de duas ou mais bases).

Relativamente à derivação, convém lembrar que, embora possa variar o número de afixos presos a uma determinada base, há uma regularidade subjacente, revelada pela análise em constituintes imediatos (C.I.): o vocábulo é sempre constituído de camadas binárias de mesma estrutura, ou seja, um elemento nuclear e um periférico. Em outras palavras, não há coincidência entre a ordem linear dos morfemas na cadeia da fala e a sua ordem estrutural.

Quanto aos tipos de derivação — parassíntese, regressão e conversão —, é preciso enfatizar que não se trata apenas de subdivisões de um mesmo processo básico.

Lembre-se, por exemplo, que, no estudo da parassíntese, destacamos não só o traço da simultaneidade dos afijos, como também a importância do exame de subsistemas, sem o qual muitos parassintéticos passariam despercebidos.

No que se refere à derivação regressiva, um mero exame sincrônico revelava-se insuficiente para dar conta do fenô-

meno. Impunha-se, aqui também, uma investigação de caráter diacrônico.

A conversão (ou derivação imprópria), por sua vez, mostrava os limites de uma análise morfológica centrada essencialmente sobre o vocábulo. A análise do contexto sintagmático exterior ao vocábulo revelava novas facetas do processo de conversão, situando-o no terreno da morfossintaxe.

O segundo processo de formação vocabular — a conversão — caracteriza-se por apresentar uma estruturação sintática, diferentemente do que ocorre na derivação.

Se a estrutura sintática dos compostos esclarece e explica fenômenos aparentemente problemáticos, como a flexão de número (estudada, em nossas gramáticas, como uma questão mais ou menos arbitrária), é conveniente insistir que se trata de uma estruturação sintática de sintagmas fixos, contraposta em muitos aspectos à estrutura dos sintagmas livres (releia-se o que dissemos a respeito às páginas 39-42, especificamente à página 41). Essa constatação permite explicar alguns plúrais em desacordo com as regras estabelecidas, bem como a existência de duas ou mais possibilidades de pluralização de alguns compostos. Ressaltamos, assim, que, no estudo da flexão de número dos compostos, procuramos ater-nos a um quadro geral e regular, mas não exaustivo.

Encerrando nossas considerações, vamos tecer alguns comentários sobre as correspondências existentes entre os processos arrolados no capítulo 8. A reduplicação (ou redobro) é um processo de estruturação das onomatopéias, mas não se reduz exclusivamente a essa função; o valor expressivo do redobro revela-se também em construções não onomatopéicas. O hibridismo está estreitamente vinculado à composição. Embora seja um processo em que predominam elementos gregos e latinos, dada a grande produtividade desses elementos (basta examinar a listagem de radicais e prefixos latinos e gregos em nossas gramáticas), é possível considerar que o hibridismo também pode ser estudado numa perspectiva sincrônica, visto tratar-se de um fenômeno de grande vitalidade na língua.

10

Considerações finais

A fim de esclarecer e explicitar alguns aspectos mais complexos dos assuntos desenvolvidos ao longo deste livro, apresentamos neste capítulo alguns exemplos comentados.

Um dos objetivos é acrescentar algumas observações relativas aos assuntos tratados.

1) Veja como depreendemos os constituintes imediatos (C.I.) do vocábulo *inegavelmente*.

Baseando-nos no sentido do vocábulo proposto: “de modo inegável”, podemos afirmar que os seus C.I. são: inegável + mente, o que nos leva a concluir que se trata de uma formação por derivação sufixal.

Convém provar, com o auxílio de técnicas formais, o caráter unitário do bloco *inegável*, para o que é suficiente comutá-lo com o adjetivo *fiel*, indecomponível:

inegável	mente
fiel	mente

o que confirma a interpretação semântica acima.

Por sua vez, *inegável*, “que não se pode negar”, decompõe-se em: *i* + *negável*. Podemos comutar *negável* com *real*:

i	negável
(r)	real

Proseguindo, temos que *negável* apresenta, como C.I., *nega + vel*.

Finalmente, *nega* constituiu-se de *neg + a*.

Alinhando as conclusões em colunas, temos:

neg + a	(rad. + vogal temática)
nega + vel	(tema + sufixo nominal)
i + negável	(prefixo + base adjetiva)
inegável + mente	(base adjetiva + sufixo)

Vemos, assim, que esse vocábulo é constituído de uma superposição de camadas binárias, todas caracterizadas pela presença de um elemento nuclear (radical/base) e um elemento periférico (sufixo/prefixo e vogal temática). A forma proposta — *inegavelmente* — encontra-se na quarta linha, em que se pode visualizar o seu caráter de derivado sufixal (base adjetiva + sufixo).

2) Observe como formamos verbos parassintéticos com base nos nomes: *triste*, *noite*, *rico* e *vaidoso*, destacando os prefixos e sufixos e as combinações resultantes.

De *triste*, obtém-se *entristecer*;

de *noite*, *anoitecer*;

de *rico*, *enriquecer*;

de *vaidoso*, *envaidecer* (e *envaidar*, menos usual).

Em todos esses verbos constatamos a presença do sufixo verbal *-ecer*, que exprime noção incoativa. Trata-se, portanto, de um sufixo de valor aspectual — uma propriedade das formas verbais de designar a duração do processo (momentâneo ou durativo).

Com esse sufixo combina-se, normalmente, o prefixo *en-*; houve uma única ocorrência do prefixo *a-*, em *anoitecer*.

3) Destacamos no capítulo 6 os traços lingüísticos caracterizadores da composição: Observe que o acréscimo de um sufixo derivacional afeta o composto como um todo: de *Porto Alegre*, temos o derivado *porto-alegrense* (e não **portense-alegrense*). Se o derivado é composto, também o é o substantivo próprio a ele correspondente.

11

Vocabulário crítico

Abreviação: processo comum no falar coloquial, resultante do emprego de uma parte da palavra pelo todo. Ex: *extra* (por *extraordinário* / *extrafino*). Como a redução convenceu apenas o prefixo do vocábulo, trata-se de um processo diferente da regressão. (V. *regressão*.)

Aglutinação: V. *composição*.

Composição: processo geral de formação lexical que consiste na criação de palavras novas pela combinação de bases preexistentes: *amor-perfeito*. Quando os elementos associados conservam a sua individualidade, tem-se a composição por justaposição, como no exemplo acima; quando esses elementos se fundem num todo fonético, com um único acento, e o primeiro sofre alterações fonéticas, tem-se a composição por aglutinação, como em *boquiaberto*.

Constituintes imediatos (C.I.): são os morfemas constituintes de uma forma complexa, articulados sem intermédio de outros; *garot-* e *-a* são os C.I. de *garota*. Nessa perspectiva, o vocábulo é analisado como uma superposição de camadas binárias, constituídas de um elemento nuclear

(radical) e um periférico (afixo, desinência ou vogal temática). Essa técnica é também aplicável à frase e não se restringe apenas à morfologia.

Conversão (ou derivação imprópria): formação vocabular caracterizada pela passagem de uma classe gramatical a outra, sem auxílio de afixos ou redução. *Alto* é um adjetivo, mas em *falar alto* é um advérbio. O exame do contexto sintagmático exterior ao vocábulo revela a existência de diversificados traços formais no processo de conversão.

Derivação: processo geral de formação vocabular, em que a uma base se agregam formas presas denominadas afixos: prefixos (formas presas à esquerda da base) e sufixos (formas presas à direita da base). Em *deslealdade*, à base *leal* se anexam o prefixo *des-* e o sufixo *-dade*.

Hibridismo: designação dada aos vocábulos compostos ou derivados, cujos elementos provêm de línguas diferentes. Em português, são mais comuns os compostos de elementos latinos e gregos, como em *sociologia*, o que não exclui outras possibilidades combinatórias.

Justaposição: V. *composição*.

Metafonia: mudança de timbre da vogal do radical devido à influência da vogal da desinência. Em português, por exemplo, o *-a* átono final da palavra *esta* abriu o timbre de *ê* para *é*. É um fenômeno comum em alguns derivados regressivos, como *erro* e *logro* (compare-os com as formas correspondentes à primeira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos *errar* e *lograr*).

Monorrema: frase de um só vocábulo que funciona em bloco.

Morfema: unidade mínima portadora de sentido. Os morfemas de *desleal* são *des* e *leal*.

Morfossintaxe: estudo das variações formais que caracterizam os morfemas em relação com os processos sintáti-

cos que as condicionam (por exemplo, as marcas da flexão nominal estudadas no quadro da concordância).

Nominalização: processo gramatical que forma nomes a partir de outras partes do discurso, geralmente verbos ou adjetivos. É o caso de *construção* (de *construir*). Como no exemplo apontado a nominalização se deveu ao sufixo, conclui-se que nem sempre ela resulta de uma translação de primeiro grau. (V. *translação de primeiro grau*.)

Onomatopéia: denominação dada aos vocábulos criados com a preocupação de imitar o som ou a voz da coisa ou do animal designado: *tique-taque*, *zunzum*.

Parassíntese: processo de derivação que consiste na adição simultânea de um prefixo e de um sufixo a um radical. A exclusão do prefixo ou do sufixo resulta numa forma inaceitável em nossa língua. No caso de *anoitecer* (de *a* + *noite* + *ecer*), por exemplo, **anoite* e **noitecer* são formas inaceitáveis em português. Não se deve confundir a derivação parassintética com as derivações em que ocorrem prefixo e sufixo não simultâneos: *des-lealdade*; observe as formas *desleal* e *lealdade*. (V. *constituintes imediatos*.)

Reduplicação (ou redobro): processo que consiste na repetição da sílaba radical de um vocábulo. Exs.: *titio*, *Zezé*. É freqüente na formação das onomatopéias e, por apresentar valor expressivo, vincula-se mais à Estilística.

Regressão: designação dada ao processo de derivação que consiste em formar derivados pela eliminação de desinência ou de sufixo suposto do vocábulo derivante. Exs.: *luta* (subst.), de *lutar*; *sarampo*, de *sarampão*. Deve-se distingui-la da abreviação. (V. *abreviação*.)

Sigla: processo moderno, bastante freqüente, de redução de longos títulos às letras iniciais das palavras que os constituem. Ex.: ONU (Organização das Nações Unidas).

Sintagma: combinação de formas mínimas numa unidade linguística superior. Por exemplo: *desigual (des- + igual)*. Devem-se distinguir os sintagmas lexicais (as palavras), locucionais (as locuções), subordinacionais (parte da oração, como o grupo do sujeito, por exemplo), oracionais (as orações) e superoracionais (o período composto por subordinação).

Translação de primeiro grau: de acordo com a sintaxe estrutural de L. Tesnière, consiste na transferência de uma palavra de uma classe gramatical a outra. Em *poltrona de couro*, o substantivo *couro* figura numa expressão (*de couro*) de valor adjetival com relação a *poltrona*. O processo de adjetivação deveu-se, no caso, à preposição *de*, que recebe a designação de translativo; *couro* é o transferendo, e o todo — *de couro* — é o transferido, com relação a *poltrona*.

12

Bibliografia comentada

BALLY, Charles. *Linguistique générale et linguistique française*. 4. ed. Berne, Francke, 1965.

No capítulo IV (1.ª seção da 1.ª parte), o autor enfatiza o caráter binário do sintagma, sem especificar de modo tão formal, como E. A. Nida, as técnicas de segmentação.

BARRETO, Mário. *De gramática e de linguagem*. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1982.

— . *Fatos da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1982.

Coletâneas de respostas a dúvidas gramaticais de consultantes, em que, no primeiro título, pela primeira vez, o autor propõe o traço caracterizador dos nomes deverbais regressivos (cf. capít. XLVIII, parágrafo 7).

BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo, Ática, 1987. (Série *Princípios*, 88.)

A autora examina os processos de formação vocabular (o mesmo tema que desenvolvemos aqui) em estreita conexão com a semântica, com as classes de palavras e com o discurso.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 31. ed. São Paulo, Nacional, 1987.

Trata-se de uma gramática inovadora no estudo da estrutura do vocábulo e dos processos de formação de palavras. É a primeira que distingue regressão de abreviação e que propõe a designação de "conversão" para a derivação imprópria.

CARVALHO, José G. Herculano de. *Teoria da linguagem*. Coimbra, Atlântida, 1973. t. II.

Em muitos aspectos, esta obra completa a de J. Mattoso Câmara Jr. Suas considerações sobre os sintagmas fixos e livres merecem leitura e são ricas em sugestões.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

Excelente obra para consulta sobre vocábulos de cujo caráter regressivo se tem dúvida. O étimo vem acompanhado de datação.

DEQUI, Francisco. *Sintagmática*: identificação de determinantes e determinados. 3. ed. Canoas, Edipuc, 1981.

O subtítulo do livro revela a perspectiva sintagmática do autor, na esteira de Bally e Mikuš. No capítulo relativo à flexão de número dos nomes compostos, é um dos primeiros a estabelecer todas as regras em função da estruturação sintática desses nomes.

DUBOIS, Jean. *Grammaire structurale du français*; la phrase et les transformations. Paris, Larousse, 1969.

É o terceiro e último volume da série *Grammaire structurale du français*. Desenvolve detalhadamente os processos de nominalização em francês.

JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de lingüística*. Rio de Janeiro, Presença, 1976.

Muitos verbetes desenvolvem aspectos específicos da língua portuguesa. Merece leitura o artigo *composto* (desenvolvido ao longo de quinze colunas), em que se estudam os diferentes tipos de formação dos substantivos compostos.

KEHDI, Valter. *Morfemas do português*. São Paulo, Ática, 1990. (Série *Princípios*, 188.)

O autor apresenta as técnicas de segmentação morfológica, o levantamento e a classificação dos morfemas da língua portuguesa. Esses aspectos antecedem o estudo dos processos de formação de palavras.

LUFT, Celso Pedro. *Grande manual de ortografia Globo*. Rio de Janeiro, Globo, 1985.

Trata-se de um dos mais completos e detalhados manuais de ortografia de nossa língua. O capítulo sobre o emprego do hífen é particularmente minucioso, sobretudo no que se refere à sua utilização nos nomes compostos.

MATTOSO CÂMARA Jr., J. *Dicionário de lingüística e gramática*. 7. ed. Petrópolis, Vozes, 1977.

Obra de consulta indispensável a todos os que querem atualizar seus conhecimentos lingüístico-gramaticais. São de particular interesse os verbetes relacionados à morfologia portuguesa.

_____. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão, 1975.

Nesta obra, no capítulo X, o autor explicita os diferentes processos de formação vocabular em português. É de grande interesse a leitura do parágrafo III: "A posição por prefixo".

MIKUŠ, Francis. *Le syntagme est-il binaire? Word*, New York, 3 : 32-8, 1947.

Na esteira de Charles Bally, o autor explicita e desenvolve mais o caráter binário do sintagma.

NIDA, Eugene A. *Morphology*. 2. ed. Ann Arbor, The University of Michigan Press, 1949.

Um dos mais completos tratados de morfologia distribucional. No capítulo 4 o autor expõe detalhadamente os procedimentos para a segmentação do vocábulo em seus constituintes imediatos.

REINHEIMER-RÏPEANU, Sanda. *Les d riv s parasynth tiques dans les langues romanes*. The Hague-Paris, Mouton, 1974. Trata-se de um dos mais exaustivos e agudos estudos sobre a parassintese, a partir das línguas romena, italiana, francesa e espanhola.

SANDMANN, Ant nio José. *Forma o de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba, Scientia et Labor e  cone, 1989.

Tradu o da excelente tese realizada pelo autor na Universidade de Col nia, na Alemanha. São particularmente sugestivas e informativas suas considera es sobre a deriva o regressiva e outros t picos.

TESNI RE, Lucien. * l ments de syntaxe structurale*. 2. ed. Paris, Klincksieck, 1969.

Obra em que o autor apresenta e desenvolve o conceito de transla o, a rigor uma versão menos formalizada do conceito de transforma o, o que faz deste manual uma primeira versão, pr -chomskyana, de uma sintaxe transformacional.

SBD/FFLCH/USP	
SE�O DE	Letras
ACQUI�O	VALOR
EDUSP/FLC	17,20
DATA 26/7/95	TOMPO 89160